

Chico Buarque & Fernando Sabino : paixões nacionais

por Fátima Amaral

especial para www.moisesneto.com.br

Francisco Buarque de Hollanda

“Ninguém ,ninguém vai me
acorrentar

Enquanto eu puder cantar.

Enquanto eu puder sorrir
(...)”

(Cordão,1971)

Falar de Chico Buarque é perscrutar o universo do homem tanto na ótica histórica como na dimensão mais íntima do ser,ou, como diria Tom Jobim sobre as letras do genial Chico, é descobrir o *“criador de melodias bruscas, nítidas, onde a vida e a morte estão sempre presentes”*, enfim é falar da dialética da própria existência. Analista - à maneira de Drummond – do seu tempo *“da vida presente ,dos homens presentes” : ‘corro atrás do tempo’, ‘Uma rosa morreu/ Uma festa acabou/ Nosso barco partiu/Eu bem que mostrei a ela/ O tempo passou na Janela/ Só Carolina não viu...’*, brincou com os provérbios: *‘Devagar é que não se vai longe’*, enfrentou os poderosos da época da ditadura com expressões metafóricas: *‘Pai, afasta de mim esse cálice’, ‘Dormia a nossa pátria mãe tão distraída/sem perceber que era subtraída...’*

É voz forte em prol dos injustiçados, dos meninos que vendem chicletes nos sinais, o Guri que nasceu quando ainda não era o momento de rebentar. É o nosso mundo e são as marcas da vida reinventados,re-criados, já que “a vida só é possível reinventada”, falamos aqui da recriação artística de ‘mais um dia , agonia, pra suportar e assistir (...)por esse pão pra comer , por esse chão pra dormir.’

Para fazer o texto falar ao leitor, é necessário que o texto o seduza com sua seqüência de sons, com suas imagens, com sua plurissignificação, com seu convite ao estranhamento (ao choque:leitor x realidade). É isto que fez Chico em : *‘Pedro pedreiro penseiro esperando o trem /Manhã , parece, carece de esperar também...’; ‘Estava à toa na vida/ O meu amor me chamou/ Pra ver a banda passar/ Cantando coisas de amor...’*

O que seria realmente esta banda? Que sentidos adquire no texto? Que de oposições faz à passividade do povo qual marcha alegre a se espalhar na avenida de forma insistente?

Mas... o esforço foi em vão!? 'Tudo tomou seu lugar depois que a banda passou?' Aqui atuam nossos valores individuais (análise que fazemos dos elementos do texto) e culturais (associações a contextos situacionais em que o discurso foi produzido). Reflitamos sobre o exposto no fragmento abaixo:

'Num tempo

Página infeliz da nossa história

Passagem desbotada na memória

Das nossas novas gerações

Dormia

A nossa pátria mãe tão distraída

Sem perceber que era subtraída

Em tenebrosas transações.'

Veja o que nos é permitido analisar em termos de metáforas, personificações, aliterações, imagens, rimas no final dos versos que quase gritam no texto – elementos materiais da arte, elementos de percepção estética que levarão certamente ao poético. **'A poesia toma corpo na palavra, na imagem, no movimento.'** É deste modo que nasce o poema que para Otávio Paz é : **"o lugar de encontro entre a poesia e o homem"**. Como imagens concretas do texto temos: a pátria, a história da ditadura, as gerações vítimas e as novas gerações, as transações desonestas que marcaram um espaço e um tempo. Agora é no dinamismo entre o estético e o poético que a arte surge no espírito de cada homem. Assim passa a significar para o sujeito e se eterniza.

A polissemia (os vários sentidos) se faz notar em Roda Viva: **' A gente quer ter voz ativa/ No nosso destino mandar/Mas eis que chega a roda viva /E carrega o destino pra lá'**.

Filho do período de caça aos 'comunistas' (*falou da sofrida realidade social dos brasileiros*), viu, ou melhor, percebeu as coisas de dentro para fora, esteve sempre antenado e, muitas vezes, precisou se esconder – por causa da censura – usando nomes falsos como Julinho da Adelaide e assim fisionomizou o cotidiano:

*'Quando chegar o momento/Esse meu sofrimento /Vou cobrar com juro,
juro/Todo esse amor reprimido/Esse grito contido/Este samba no escuro.../
Apesar de você/Amanhã há de ser /Outro dia'* (Apesar de você, 1970).

O exílio para alguém tão crítico quanto Chico foi inevitável (Itália 1969/1970). Soube da prisão de Gil e Caetano. É aconselhado a ficar na Itália com a esposa Marieta Severo, então grávida. Foi assim que descobriu que tinha que viver da música, dos shows, do cantar em festinhas. Fez amizades, sobreviveu, mas nunca esqueceu o Brasil: *'Vou voltar/Sei que ainda vou voltar/
Para o meu lugar/Foi lá e é ainda lá/ Que eu hei de ouvir cantar /Um sabiá'* (Sabiá, 1968). Veja intertexto com Canção do Exílio.

Em março de 1970, volta ao Brasil e faz apresentações. Sobreviveu ao temporal.

Em 1971, revela-se, mais uma vez, mestre da palavra. Agora o artista que explora versos com rimas esdrúxulas (todas as rimas em proparoxítonas), de marcação rigorosa, a imagem que choca – o pobre que morre na contramão e ainda atrapalha o tráfego, o público e o sábado – estamos falando do autor de Construção:

'E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas

Tijolo por tijolo num desenho mágico

Seus olhos embotados de cimento e lágrima...'

O compositor é ainda o cantor da mulher (muitas vezes usada e abandonada), de uma história de vida:

*'Ele assim como veio partiu não se sabe pra onde /E deixou minha mãe com o
olhar cada dia mais longe/Esperando, parada, pregada na pedra do porto/Com
seu único velho vestido cada dia mais curto...'* É, muitas vezes, o observador do cotidiano dessa mulher: *'Todo dia ela faz tudo sempre igual'* ou até mesmo

assume o papel da figura feminina (eu feminino) para falar mais dos sentimentos: *'Quando olhaste bem nos olhos meus/E o teu olhar era de adeus.../Dei pra maldizer o nosso lar/Pra sujar teu nome ,te humilhar /E me entregar a qualquer preço .../Só pra provar que ainda sou tua...'*

Não se esquece das mulheres de Atenas que vivem pros seus maridos, nem de Ana do dique das docas da Ana de Amsterdã, nem tampouco de Bárbara, cujo destino era caminhar desesperada e nua agonizando (ambos) em uma paixão vadia, ou mesmo, a mulher que cede em completa negação dela mesma: *'A vontade dele é mais justa /A minha paixão é piada ... Enquanto ele dorme pesado /Eu rolo sozinha na esteira'*. (Sem Açúcar ,1975).

É também o poeta do sonho, o cantor do mundo possível apesar das barreiras:

'Sonhar/ Mais um sonho impossível/Lutar/Quando é fácil ceder/Vencer o inimigo invencível(...)/E assim , seja lá como for /Vai ter fim a infinita aflição /E o mundo vai ver uma flor/ Brotar do impossível chão'.(Sonho Impossível,1972)

Não é permitido ceder, mesmo sob tortura: *'Se te dói o corpo/Diz que sim /Torcem mais um pouco /Diz que sim.../Vence na vida quem diz sim'*.

Entrou no universo da dramaturgia em 1975, com Gota d'Água (adaptação da *Medéia* de Eurípides). Escreveu tudo em versos , fez as músicas. Medéia foi abandonada pelo marido e usou os filhos como veículo de vingança – tudo se passa num conjunto habitacional de periferia, visando à identidade nacional no que tange ao tema e à representação: *'Deixe em paz meu coração/que ele é um pote até aqui de mágoa/e qualquer desatenção, faça não/ Pode ser a gota d'água'*.(Gota d'Água,1975)

A paródia também fez parte de seus textos: *'Ai que saudades que eu tenho/Dos meus doze anos.../Duma travessura/O futebol de rua /Sair pulando muro /Olhando fechadura/E vendo mulher nua...'*(Doze anos,1978). Aqui parodia Casimiro de Abreu em Meus Oito Anos. Já em Até o fim , Chico faz intertextualidade com o poema *Sete faces* de Drummond: *'Quando nasci veio um anjo safado/O chato safado dum querubim/E decretou que eu estava predestinado/A ser errado assim...'* Em Meninos, eu vi, faz intertexto com Gonçalves Dias: *'Amores que jamais verei / Meninos, eu vivi / Vivendo a poesia de verdade.'*

É o poeta que acentua ainda mais o absurdo, chega ao *nonsense* (estranhamento) para falar da vida, das possibilidades, dos contrastes: *'E se o oceano incendiar / E se cair neve no sertão.../ E se o meu dinheiro não faltar.../E se tiver sopa pro peão...'* (E se,1980).

Valoriza o imaginário para refletir a vida : *'Não /Não sei se é um truque banal /Se um invisível cordão/sustenta a vida real (...)/Qual/Não sei se é nova ilusão /Se após o salto mortal existe outra encarnação...'* (O Circo Místico, 1982).

Incorpora o tom coloquial, prosaico, a marca de oralidade ao texto, quase uma conversa: *'Imagina / Imagina / Hoje à noite / A gente se perder...'* E prossegue, chamando o outro à vida: *'Meu amor/Abre a porta pra noite passar/ E olha o sol/Da manhã (=vida, luz,o que chama à luta do dia que nasce)/ ou simplesmente a loucura do carnaval: 'Olha a chuva , olha o sol, olha o dia a lançar/Serpentinas(...)/Sete vias/Sete vidas/Avenidas...'* .Fala,aqui, o artista entusiasmado (o amante dos carnavais?)

Emerge em meio à roda viva um Chico a falar ironicamente do Dr. Getúlio Vargas 'o chefe amado da nação'? ou aquele que partiu e deixou o povo livre: *'O petróleo é nosso, os nossos carnavais/Sim, puniu os traidores com o perdão/ e encheu de brios todo nosso povo/Povo que a ninguém será servil(...)/Abram alas que Gegê vai passar',enfim xô, Dr.Getúlio, deixe o povo ser feliz , deixe a Pátria afinal ficar livre.Eis o compositor com seu hino anti-repressão a instigar os homens à luta, a uma vida mais feliz, mais sentimental talvez: 'Façam muitas manhãs (...) Atrapalhem os pés/Dos exércitos , dos pelotões (...)/Desmantelam no cais/Os navios de guerra/Eu ainda não fui feliz'.*

Além do Chico compositor, temos o dos romances e peças. Em 1974, escreveu Fazenda Modelo. Em 1978, Ópera do Malandro. Em 1991, Estorvo e em 1995, Benjamin. Em seus romances aparecem cenas de violência, perseguição e morte que se alternam com drama interior vivido pelos personagens.O escritor passa a perscrutar o que *vai* no interior do homem, reflete sobre a inquietude e a fragilidade humana na sociedade do ter .A vida do homem passa a constituir um tecido de relações expressivas, de relações de verdades, um jogo, na tessitura textual, revelador do cotidiano que explode no poético, ou seja, no belo da arte.

Fernando Sabino

“Não há dúvida de que você como bom mineiro tem o sentimento da língua, como cultura e como estilo, como expressão de pensamento. Tem, no que escreve um sabor brasileiro, muito firme, muito nítido, muito atilado(...) Você não cai em nenhum exagero de brasileirismo falso...”

(Cartas a um jovem escritor –
Mário de Andrade a
Fernando Sabino)

Uma das grandes preocupações do escritor Mário de Andrade ao analisar os primeiros contos de Fernando Sabino foi a de que o jovem mineiro precisaria pôr nos textos o máximo de responsabilidade humana coletiva, uma idealidade humana definitiva qualquer. Estes aspectos ausentes nos primeiros trabalhos do jovem Sabino (cuja preocupação maior era com o anedótico, com o humor) só irrompem depois com a dedicação à escrita. Traçado o caminho, escolheu, para ele, a maneira mais simples de dizer as coisas: *‘escrever para se comunicar, para extrair do leitor um sorriso feliz ou uma lágrima de ternura’*.

Autor de contos, novelas, histórias, crônicas e romances procurou, em boa parte dos seus textos, criar um clima de expectativa (contrário aos clichês dos romances policiais), explorar a ambigüidade humana (lado bom versus lado mau), conhecer mais o homem. Objetivou instigar o leitor a tirar suas conclusões. Leia a novela **O Bom Ladrão**, em que o escritor não revela quem é o autor do crime (obra aberta), cujo início se dá com o desaparecimento de uma caneta e evolui para cenas mais inquietantes. Destaca pequenos incidentes *(que envolveram a funcionária de um jornal – Isabel: isqueiros, colherinhas, livros, abotoaduras... que desapareceram, embora nada se confirme quanto à autoria)* para atingir o mais importante da narrativa: *‘a verdade das coisas passa a depender do ponto de vista em que nos colocamos’*, afirma o narrador de **O Bom Ladrão**.

Em **A Nudez da Verdade**, o autor, mais uma vez, leva o leitor a refletir sobre a sinceridade das relações no manto diáfano da fantasia sem perder o humor, a descontração. Telmo Proença, homem modesto, idealista, professor de música, recebe a notícia de que teria que participar de um Congresso em São Paulo (por ordem de seu chefe, Lincoln, amigo do diretor da Gravadora) pela publicação do seu livro. Telmo, obrigado por Lincoln, tem que viajar. Convida a esposa Carla, esta arranja uma desculpa e não vai. O que Proença não sabia era

que ela o traía com Lincoln e este só o ajudou porque gostava de Carla. Tudo arranjado. No dia da viagem, já no aeroporto, o vôo é cancelado por problemas. Telmo encontra Eliseu e alguns sambistas e vai beber com eles. Conhece Marialva, mulata de olhos verdes. Vai com os amigos ao apartamento dela para uma festa. No dia seguinte acorda (nu), e na cama de Marialva. Ainda nu, vai preparar o café. Ao tentar pegar o embrulho de pão no corredor, a porta bate e ele não consegue entrar. Não adiantava chamar Marialva (havia combinado fingir que não tinha ninguém em casa), pois não podiam atrair a atenção dos vizinhos. Visto por um deles, o jeito era correr. Começava seu drama de perseguição, de alvoroço. Após correr nu por muitos lugares e escapando de todos, conseguiu telefonar para Marialva, explicar o ocorrido, solicitar roupas. Marialva, por mais que tentasse, não o encontra. Proença vai escapando dos PMs e repórteres. Consegue finalmente retornar à casa da esposa. Quando abre a porta e entra (com esforço, para sua surpresa quem estava lá era Lincoln vestido no roupão de Proença. A esposa Carla pegava gelo para esfriar a bebida dos dois enquanto aguardavam a pizza chegar. Enraivecido, arranca o roupão de Lincoln e o deixa nu. Expulsa-o de sua casa. Lincoln passa a viver o mesmo drama que vivera Telmo. Este despreza a esposa (que fica chorando), toma um banho, sai de casa à procura de Marialva, *“único saldo de prazer de sua odisséia”*. No momento da fuga, quando se sentiu faminto, fétido, pensou na identidade perdida aos olhos dos outros só porque estava nu – Seria esta a reflexão sobre a nudez forte da verdade?

No texto **O Homem Feito**, que pertence à obra **A Vida Real**, Sabino analisa a complexidade do comportamento humano. Cansado da vida, um homem resolve abandonar tudo. Vai morar numa cabana em contato com a natureza, com os animais: *‘O que eu queria era morrer, sem deixar o menor sinal de existência’*. Sentia-se, entretanto, observado à distância por um pequenino perturbador de sua paz, ou melhor, o menino Luís, cuja presença possibilitou o reencontro do narrador com sua própria infância. Haveria mais tranquilidade se revivêssemos a pureza dos tempos de criança?

Na obra **As Melhores Histórias**, põe-se em relevo as experiências pessoais do autor. Conta situações curtas colhidas do dia-a-dia com a roupagem de uma ficção marcada pela sensibilidade, humor, ironia e espírito crítico. Tem como pano de fundo o que comove na natureza humana:

“Na penumbra do carro, suas feições de criança, esquálidas, encardidas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem-nutridos – um engasgo na garganta me afogava no que

os homens experimentados chamam de sentimentalismo
burguês..." (*Na escuridão miserável*)

Aventuras, incidentes, lembranças, encontros e desencontros vividos ou criados são narrados como se o próprio leitor fosse personagem. Às vezes, a ambigüidade, o duplo sentido, a ambivalência funcionam como elementos significativos de sua narrativa. Fato que se confirma com a novela **Os Restos Mortais** (*um médico mineiro e o cadáver de um humilde empregado de seu pai. O enterro torna-se um tormento, um pesadelo*), com a recriação literária **Amor de Capitu**, o romance de Machado de Assis sem o narrador **Dom Casmurro**.

Aqui, Sabino reconta a história da obra **Dom Casmurro** mudando a focalização que era de primeira para a de terceira pessoa. Abre espaço para nova possibilidade de leitura, evidenciando habilidade, domínio da escrita para aventurar-se no fascinante universo vocabular **do bruxo do Cosme Velho**: Machado de Assis e o enigma de Capitu sem o narrador Bento Santiago.

Assim segue o autor em seus escritos:

"Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso
conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de
ser vivida." (*A Última Crônica*)

Pretendeu fisgar a noção do essencial e conseguiu. Nele, as palavras têm vida e são um convite à comunicação sobre o amor, a intriga, o mistério. Enfim uma sucessão de surpresas tendo como marca a responsabilidade humana coletiva expressa também nas peripécias do menino Viramundo em **O Grande Mentecapto**.

* * * * *